

Ratos e homens

JOSÉ NÊUMANNE

A notícia de que o Hospital Universitário (HU) se limitou a atender sete vítimas da catástrofe do Osasco Plaza Shopping pode até provocar indignação à população, cujo comportamento no episódio foi exemplar, mas jamais surpresa. Uma das características do corporativismo é a insensibilidade absoluta. A corporação força tal isolamento que tudo passa a ocorrer como se só tenha valor o que esteja contido no interior da pele dos membros da tal corporação. O mundo pode acabar, como na telenovela de Dias Gomes, mas se a corporação não for atingida, é como se nada houvesse ocorrido.

A explosão da praça de alimentação do shopping center de Osasco certamente deve ter sido ouvida pela direção do hospital, uma vez que um local não dista mais do que cinco quilômetros do outro. No entanto, os responsáveis pela administração do HU, que é sustentado por dinheiro público, mas age como se fosse particular, tentaram até desmanchar as filas de voluntários que queriam doar sangue para as vítimas do desabamento, fazendo, assim, tudo para se ausentar do mutirão. De tal esforço, diga-se de passagem, muitos hospitais particulares, alguns menos equipados, fizeram questão de participar.

A tragédia de Osasco, resultado da negligência e da ganância, mobilizou as forças vivas da sociedade paulistana, nela despertando nobres sentimentos de solidariedade e desprendimento, cada dia mais raros nos tempos egoístas e competitivos de hoje. A recusa de participar dessa bela corrente humanitária mostra o espírito excludente que o corporativismo inoculou na administração da USP, instituição que tem custado os

olhos da cara ao contribuinte e, ao mesmo tempo, se afastado, cada vez mais, dos objetivos para os quais foi criada, nos tempos pioneiros de Armando de Salles Oliveira.

A mentalidade dominante na universidade, que se julga a melhor do Brasil, é mesmo excludente. Quando discute, **interna corporis**, é claro, a abertura, ou não, de seu "campus" aos domingos, seus administradores nunca levam em conta as carências de lazer do paulistano, que vive numa "anticidade", de acordo com os urbanistas da Habitat II, e têm poucas áreas verdes para seu repouso. O debate se limita à necessidade do silêncio na "ágora", para que seus filósofos possam meditar e seus cientistas tenham paz para desenvolver grandiosos projetos de pesquisa.

Nas proximidades da Praça do Relógio, os campos planos e gramados, nos quais jovens jogavam "peladas" dominicais, com muita organização e um índice de bagunça inferior ao denunciado pelos sensíveis tímpanos "uspianos", foram invadidos pelo mato, tornando-se um perfeito habitat para roedores. Tal metamorfose, evidente aos olhos dos que ainda se arriscam a invadir as portei-ras da velha Fazenda Butantã, demonstra claramente a opção da atual administração da USP pelos ratos em detrimento dos homens. Não se pode acusá-los de fazê-lo por similitude de hábitos com os primeiros, mas, certamente, deve-se lamentar sua explícita preferência por estes numa instituição fundada com objetivos francamente humanistas.

Se as comunidades dos bairros vizinhos ao campus não têm acesso ao lazer proporcionado pela predominância abundante do verde, elas

também são repelidas, rotineiramente, pelos funcionários responsáveis pela triagem no Hospital Universitário. Num País onde a saúde pública é indigente, chega a ser cruel ler uma explicação estúpida como a que foi dada por seu superintendente, Erasmo Tolosa, para os repórteres, para sua omissão de socorro. Segundo ele, "seu" hospital faz atendimento secundário, não estando, portanto, capacitado para atender seres humanos vitimados por traumas ósseos.

Sua desculpa amarela se assemelha à eventual recusa de algum transeunte a transportar feridos para o hospital, em automóvel particular, por não ser este uma ambulância. Felizmente, quem passou defronte o Osasco Plaza Shopping não imitou seu exemplo. Por causa disso, muitas vidas foram salvas.

Embora não tenha mais por que se surpreender, a sociedade brasileira precisa questionar essa repugnante opção da administração de sua dispendiosa instituição universitária pelos ratos de banhado em preferência aos seres humanos, sejam atletas de fins de semana, sejam vítimas de catástrofes. Se a USP faz questão de isolamento, a ponto de favorecer a omissão de socorro médico, talvez esteja na hora de ir à luta para reunir os recursos necessários para sua própria sobrevivência, em vez de ir buscá-los com sofreguidão nos cofres públicos. Afinal, estes são sustentados pelo suor dos rapazes proibidos de jogar bola no "campus", pelas lágrimas das vítimas de desabamentos e pelo sangue generoso dos doadores expulsos das dependências do HU.

■ José Nêumanne, jornalista e escritor, é autor de *Solos do Silêncio*.